

ESTUDOS SOBRE  
MIGRAÇÃO  
NA EUROPA:  
CAMINHOS  
PARA PENSAR AS  
LÍNGUAS, A MÍDIA  
E O JORNALISMO

[ ENTREVISTA COM TOM MORING ]

**Liliana Tinoco Bäckert**

*Università della Svizzera italiana*

**Enio Moraes Júnior**

*Universidade de São Paulo*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Partindo do ponto de vista do pesquisador e jornalista Tom Moring, Professor Emérito da Escola Sueca de Ciências Sociais da Universidade de Helsinque, esta entrevista aborda como a linguagem e o compartilhamento social de informações impactam o processo de integração de refugiados e migrantes. Considerando a experiência do pesquisador e seus estudos, a conversa problematiza a cobertura da mídia e o trabalho dos jornalistas em torno desses temas, destaca a conectividade das variáveis migração, integração e informação e discute como os resultados da pesquisa europeia na área podem ser aplicados em contextos diversos, como a América Latina.

**Palavras-chave :** Migração. Refúgio. Integração. Minorias. Linguagem.

From the point of view of researcher and journalist Tom Moring, Emeritus Professor at the Swedish School of Social Sciences at the University of Helsinki, this interview addresses how language and the social sharing of information impact in the integration process of refugees and migrants. Considering the researcher's experience and his studies, the interview problematizes the media coverage and the work of journalists around these themes, highlights the connectivity of the variables migration, integration and information, and discusses how the results of European research in the area can be applied in diverse contexts, such as Latin America.

**Keywords:** Migration. Refuge. Integration. Minorities. Language.

Desde la perspectiva del investigador y periodista Tom Moring, Profesor Emérito de la Escuela Sueca de Ciencias Sociales de la Universidad de Helsinki, esta entrevista aborda cómo el lenguaje y el intercambio social de información impactan en el proceso de integración de los refugiados e inmigrantes. Teniendo en cuenta la experiencia del investigador y sus estudios, la entrevista problematiza la cobertura mediática y el trabajo de los periodistas en torno a estos temas, destaca la conectividad de las variables migración, integración e información, y discute cómo los resultados de la investigación europea en el área pueden aplicarse en diversos contextos, como el latinoamericano.

**Palabras clave:** Migración. Refugio. Integración. Minorías. Lenguaje.

“A sociedade deve fornecer informações e programas de alta qualidade nos idiomas dos migrantes, de forma que atenda às suas necessidades cívicas”, avalia Tom Moring, Professor Emérito da Escola Sueca de Ciências Sociais da Universidade de Helsinque, na Finlândia. A premissa é crucial quando se analisa a relação entre a integração dos migrantes, as línguas e os meios de comunicação. Além disso, Moring destaca que migrantes e falantes de línguas minoritárias precisam ser informados sobre temas e assuntos do país onde vivem.

Na Universidade de Helsinki, Moring também trabalha como pesquisador em Mídia e Minorias, Organizações e Partidos

Políticos, Política Comparada e Eleições, Opinião Pública e Comportamento de Votação. Ele esteve recentemente envolvido em projetos de pesquisa sobre Automação Imersiva de Conteúdo de Mídia na Universidade de Helsinque e Política Presidencial, na Universidade de Södertörn.

Na condição de jornalista e imigrante na Suécia – nascido na Finlândia –, Moring tem experiência pessoal e conhecimento científico sobre as conexões entre mídia e migração. Com dezenas de artigos e capítulos de livros publicados com resultados de suas pesquisas, ele está convencido de que a integração é um processo que requer respeito e apoio pelos povos. Leia mais a seguir.

[ Figura 1 ]



Foto: Cortesia Janne Rentola / SLS.

**Enio Moraes Júnior: Gostaríamos de iniciar a entrevista conhecendo mais sobre o senhor e os motivos que o fizeram desenvolver sua carreira e estudos sobre migração e multilinguismo? Como começou essa jornada?**

**Tom Moring:** Tudo começou porque eu era um jornalista falante de sueco na Finlândia. O sueco está oficialmente no mesmo nível do finlandês; assim, a Finlândia tem duas línguas nacionais – embora exista ainda outra, a *Sámi* ou *Sapmi*, que é oficializada no norte do país. Entretanto, como apenas cerca de cinco por cento da população finlandesa tem o sueco como língua materna, ela é de fato uma língua minoritária. Por isso, como jornalista, eu me interessei por questões relacionadas a línguas minoritárias na mídia e, mais tarde, como diretor da filial sueca da emissora finlandesa YLE. Isto me levou então ao Gabinete Europeu para as Línguas Menos Usadas, o EBLUL, e ao Comité de Peritos para a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias. A partir daí, é claro, minha agenda de pesquisa seguiu esse caminho.

**Liliana Tinoco Bäckert: Considerando este *Vade Mecum* (ver Referências) do projeto *Mobilidade e Inclusão na Europa Multilíngue* (MIME): é possível adaptar o método de pesquisa aos estudos de migração na América Latina? Qual é o seu conhecimento sobre a migração nessa região e a situação dos migrantes latino-americanos na Europa?**

**Tom Moring:** O *Vade Mecum* do MIME se concentra em políticas e medidas dirigidas a aspectos linguísticos e suas práticas. Entretanto, muitos elementos têm

implicações gerais em questões minoritárias relevantes, que dizem respeito à inclusão de seus falantes na sociedade em igualdade de condições. O projeto MIME publicou recentemente um livro, *Advances in Interdisciplinary Language Policy* (2022, ver Referências). A questão geral que ele apresenta é: como apoiar a mobilidade e a inclusão simultaneamente quando, muitas vezes, o que acontece é o oposto: mais mobilidade leva a menor inclusão.

Esta abordagem é geralmente aplicável. No entanto, observo que uma prática que consista em copiar e colar “melhores práticas” não funciona porque os contextos podem ser bastante diferentes. Contudo, suas linhas gerais podem ser úteis quando aplicada a migrantes da América Latina. Seu foco são as linguagens em uma perspectiva mais ampla, mas sem deixar de abordar questões sociais e políticas. A migração dentro da América Latina tem diferentes nuances que também foram abordadas na pesquisa e seus autores se concentram em questões como racismo, guetização, conflitos sociais etc. Enfim, esta pesquisa pode ser muito relevante na situação atual de mobilidade e inclusão em um contexto ocidental de migração.

**Enio Moraes Júnior: O que significa hoje integração, a partir dos seus fundamentos teóricos e em sua pesquisa?**

**Tom Moring:** Na visão de muitos estudiosos, inclusive na minha, integração é um processo de mão dupla. Ao contrário da assimilação, ela requer respeito e apoio à cultura de cada pessoa que está sendo integrada. Além disso, sob certas condições, ela pode exigir apoio ativo ao idioma ou à minoria como grupo e seus direitos coletivos.

Tais princípios constam da Carta Europeia e da Convenção-Quadro para a Proteção das Minorias Nacionais, outro instrumento do Conselho da Europa. Além disso, o Pacto dos Direitos da Criança inclui referência aos direitos coletivos à língua e à cultura. De acordo com estes princípios, essas pessoas podem ser apoiadas e devem integrar-se na sociedade mantendo a sua língua e cultura. Esse é o primeiro aspecto.

O segundo é que a sociedade deve se integrar aos recém-chegados, promovendo a compreensão e o conhecimento que proporcionam uma abordagem inclusiva e políticas de apoio. Além disso, como sempre assinalou meu amigo e colega, professor Charles Husband: “para me tratar igualmente, você deve me tratar de maneira diferente” – este é um princípio a ser considerado. Com isso, ele quer dizer que o apoio aos migrantes e a outras minorias não deve ser vista como desigualdade, mas como um nivelamento das peculiaridades, de modo a potencializar a inclusão com respeito pela pessoa que busca ser integrada.

**Enio Moraes Júnior: Como governos e países europeus que tem recebido muitos refugiados, como é o caso da Alemanha, podem articular de forma mais eficiente mobilidade-inclusão, liberdade e territorialidade linguística? Manter os idiomas minoritários, aceitar o inglês e outros novos idiomas pode ser bastante desafiador. O senhor concorda com isso?**

**Tom Moring:** Nosso Vade Mecum é sobretudo uma ferramenta para pessoas que não estão envolvidas em pesquisa acadêmica. Ele pode ser uma referência para indivíduos cujas atividades profissionais

ou políticas levem em conta questões de multilinguismo, auxiliando-os a se posicionar sobre esses temas e, direta ou indiretamente, a moldar decisões de política linguística em nível local, nacional ou supranacional. No âmbito destas funções, essas pessoas se deparam frequentemente com a necessidade de ponderar as vantagens e os inconvenientes de medidas que os diferentes atores sociais e políticos propõem para lidar com o multilinguismo.

O Vade Mecum pretende ajudá-los a lidar com este tipo de situação. A mensagem principal é que a integração bem-sucedida deve manter um equilíbrio entre inclusão e mobilidade que inclua respeito pela população tradicional e pelo migrante, refugiado ou pessoa pertencente a uma minoria nacional. Para permitir que isso aconteça, é necessário respeito e decisões proativas para apoiar uma sociedade multilíngue.

A questão pode ser considerada sob dois pontos: um relacionado com soluções práticas e outro, com os princípios do multilinguismo. O primeiro diz respeito à importância de organizar serviços em setores críticos – por exemplo, saúde e assistência médica – em uma linguagem compreensível para o paciente. O segundo se relaciona aos custos e benefícios das políticas multilíngues, implicando uma recomendação para sermos proativos e atentos às diferenças locais. Entretanto, vocês introduzem um terceiro fator, o inglês, e a pergunta nos leva a problematizar se o migrante, o refugiado, deve aprender duas línguas simultaneamente: a língua oficial local e o inglês.

Como tratar a migração em regiões bi ou multilíngues – como Catalunha, País Basco, País de Gales e Tirol do Sul,

por exemplo? O estudo sugere uma abordagem multilíngue que respeite a diversidade na nova região anfitriã. Além disso, em sua conclusão recomenda fortemente medidas de apoio em vez de alternativas punitivas, pois a sociedade deve respeitar que pessoas de diferentes idades, condições sociais e habilidades de aprendizado possam ter diferentes possibilidades de aprender novos idiomas. Esse aspecto pode responder a pergunta sobre as políticas de migração em uma situação, por exemplo, de um imigrante ucraniano falante fluente do inglês, refugiado na Alemanha, a quem é oferecido um emprego para trabalhar nesta língua.

Acredito que a sociedade deveria, sempre que possível, facilitar e apoiar o aprendizado de mais de um novo idioma. Contudo, a exigência de um equilíbrio entre mobilidade e inclusão exigiria que fosse dada prioridade às condições locais e à integração profunda na sociedade, onde tanto uma população tradicionalmente presente como um recém-chegado podem sentir-se à vontade e ver respeitadas suas respectivas culturas e línguas.

**Liliana Tinoco Bäckert: Agora que tocamos na guerra ucraniana, como o senhor avalia que a mídia europeia está trabalhando na questão dos refugiados? Muitas vozes afirmam que o jornalismo europeu demonstrou mais empatia pelos ucranianos do que pelos refugiados sírios ou africanos, por exemplo. Um jornalista inglês chocou parte da comunidade internacional ao dizer na TV que os ucranianos eram refugiados brancos de olhos azuis, os refugiados adequados...**

**Tom Moring:** Este argumento é frequentemente apresentado, curiosamente, por ativistas de esquerda – interessados em

apoiar a migração da Síria, Iêmen e países africanos – e ativistas de direita – que se opõem à migração da Ucrânia e querem repeli-la. Do ponto de vista humanista, o argumento esquerdista é justo: todos os seres humanos devem ser tratados igualmente, e isso não ocorre na cobertura da mídia. De um ponto de vista pragmático, a meu ver, a discussão ignora o seguinte ponto central: o caso ucraniano é um ataque militar de um Estado muito maior a um pequeno Estado que faz diretamente fronteira com muitas nações europeias.

O fluxo migratório não pode, portanto, ser submetido a políticas que têm sido aplicadas a países mais distantes, cujos vizinhos também vêm aceitando uma responsabilidade desproporcional de refugiados de guerra. Este argumento pode refutar pelo menos o argumento da direita. Uma visão mais cínica costuma estar presente no discurso das redações: “o valor-notícia de uma reportagem está relacionado com a distância do público”. Para muitos veículos de comunicação, eu diria, o valor-notícia parece correlacionar-se em dobro com essa distância – tanto no sentido cultural como geográfico. Isso é um fato, mas não é uma desculpa válida...

**Liliana Tinoco Bäckert: Trazendo a discussão para o cenário suíço, um país em que 25 por cento da população é migrante: por meio de suas diretrizes, o governo nacional está pressionando para que os migrantes falem alemão, especialmente na parte alemã do país. A “pressão” inclui encerrar alguns projetos em outros idiomas, por exemplo, em alguns cantões. As diretrizes consideram ainda a obrigatoriedade de aprender o idioma local. Em contraste, a maioria das empresas multinacionais**

**difficilmente leva em conta a necessidade de falar alemão; o inglês seria mais do que suficiente. Categorizar o idioma como uma obrigação seria uma forma de discriminação?**

**Tom Moring** : Está escrito nos princípios orientadores do Conselho da Europa – isso pode ser visto na Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias – e é quase um consenso que o valor do interculturalismo e do multilinguismo deve ser enfatizado. Entretanto, “realçando o valor da interculturalidade e do multilinguismo e considerando que a proteção e o incentivo às línguas regionais ou minoritárias não devem ser feitas em detrimento das línguas oficiais e da necessidade de aprendê-las”. No meu entendimento, este é um sinal para que os Estados possam manter políticas que, além do apoio a uma língua minoritária – neste caso, tradicionalmente presente – também estimulem ou exijam o aprendizado de uma língua oficial. Este princípio, novamente, não é tão simples onde parece haver (*no caso da Suíça*) quatro idiomas oficiais. É correto aprender apenas o romanche além da língua materna do migrante? Na Catalunha, muitos migrantes aprendem catalão, não castelhano. Na Finlândia, alguns migrantes aprendem sueco, não finlandês. Esse requisito deve ser suficiente se este for um idioma oficial no país, mas há ainda princípios que devem ser considerados. Qual é o nível razoável de habilidade no idioma que pode ser exigido de um migrante adulto trabalhando em tempo integral?

**Liliana Tinoco Bäckert: Recentemente, o jornal suíço 20Min. lançou um aplicativo que permite aos leitores ler os artigos publicados em alemão em diferentes idiomas,**

**como português, espanhol, albanês etc. Esse tipo de iniciativa das empresas pode sensibilizar o governo suíço?**

**Tom Moring**: Não sei se isso sensibiliza o governo. Contudo, considero importante convidar os migrantes a uma cidadania mais aprofundada no país onde trabalham, pois isso proporciona uma via rápida para compreensão da sociedade e complementa os conteúdos midiáticos importados do exterior. Por exemplo, da “antiga pátria”. Muitas vezes, uma visão mais ampla da instituição democrática formada por um Estado sequer é oferecida aos migrantes ou às comunidades migrantes. Portanto, o Estado deve apoiar iniciativas dessa natureza. Mas é também importante considerar que os migrantes devem ser incentivados na aquisição do idioma ou línguas nacionais para serem incluídos de forma mais completa e, em alguns países, até para terem direitos de cidadania.

**Enio Moraes Júnior: Com base na sua resposta, tendemos a pensar que os países com um número considerável de migrantes também deveriam publicar notícias em outros idiomas para ajudar os migrantes ou aqueles que falam línguas minoritárias a entender melhor a sociedade onde vivem. É isso mesmo? O senhor poderia explicar a relação entre as línguas minoritárias e o jornalismo?**

**Tom Moring**: São duas questões: a necessidade de os migrantes e falantes de línguas minoritárias serem informados sobre os assuntos do país onde vivem, e a relação entre línguas minoritárias, jornalismo e conteúdo da mídia em um sentido amplo. Vou abordá-las separadamente. Primeiro, sim. As informações e notícias

atuais são relevantes para as pessoas que vivem em um país em um idioma que elas possam entender. Muitos grupos de migrantes criam páginas no Facebook ou no Instagram para manter contato e se informar sobre vários assuntos e eventos importantes. Isso é bom, embora também possa aumentar o isolamento. Esses sites raramente trazem notícias de caráter mais geral que possam contribuir para a compreensão da vida política no país e localidade, no sentido de dar acesso a um noticiário mais amplo. Essa informação é, contudo, imprescindível para a competência civil das pessoas e o seu exercício de cidadania. Portanto, é crucial que a sociedade forneça notícias e outros programas de alta qualidade nas línguas dos migrantes, de forma que atenda às suas necessidades cívicas.

Em segundo lugar, e isso diz respeito aos migrantes e outros falantes de línguas minoritárias, os conteúdos midiáticos devem estar disponíveis em formato escrito, em áudio e audiovisual que proporcionem um contato diário com a língua. Considere que as pessoas passam em média de seis a mais de oito horas diárias expostas à mídia e que este é um suporte essencial para uma língua viva, sua manutenção e atualização diária. A mídia pode contribuir para os idiomas, para a cultura relacionada ao país e para a conexão e integração da sociedade. Em alguns casos, há conteúdos em idiomas falados mais amplamente em outros países – e isso ajuda. No entanto, esses programas não estão sintonizados com o cotidiano e a cultura do país onde vivem os migrantes e as minorias linguísticas. A oferta em um idioma nacional ou em uma língua franca – por exemplo, inglês – não oferece uma contribuição igual para o idioma e a cultura em todo lugar de destino. Neste ponto,

gostaria de acrescentar uma parte específica do texto *Vade Mecum*. Na página 84, está escrito: “onde os Estados impõem requisitos de proficiência linguística, de modo geral eles devem ser menos exigentes no estágio de entrada do que no momento em que o migrante busca status de residência permanente, de longo prazo ou quando solicita a cidadania. Os requisitos devem ser relaxados para categorias específicas de migrantes, particularmente na entrada e possivelmente na fase de solicitação de residência de longa duração para idosos e aqueles com níveis mais baixos de instrução formal”.

**Liliana Tinoco Bäckert: Retomando a Suíça: um estudo da Universidade de Zurique mostra que estrangeiros e cidadãos que não falam alemão são particularmente afetados por sentimentos de exclusão social. O estudo constatou que até um em cada cinco residentes suíços se sente socialmente excluído. Isso poderia ser o resultado dessas políticas linguísticas que afetam os falantes não alemães?**

**Tom Moring:** O problema que vocês apontam é real e inclui um paradoxo. Se as pessoas não aprenderem a língua e não conhecerem a cultura do meio onde vivem, elas podem se alienar. Além disso, não se pode exigir que os mais vulneráveis – idosos, pessoas sem escolaridade – estejam isentos da exigência de aprender o idioma oficial por não ser viável na prática. Não existe uma solução ideal, mas o objetivo de todos os envolvidos – neste caso, os falantes de alemão e as várias minorias, migrantes e minorias tradicionais – deve ser de respeito mútuo e esforços para resolver o problema linguístico localmente e de forma recíproca. Comecei a falar sobre *cityzenship*

em vez de *citizenship* para indicar que muitos migrantes não se identificam com a nação, mas com a localidade mais próxima. A longo prazo, a melhor solução seria apoiar as línguas migrantes e minoritárias e investir na capacidade de dominar o idioma alemão para se integrar e não apenas para assimilar parte dele.

**Liliana Tinoco Bäckert: Acabamos de enfrentar os tumultos na Suécia, durante a Páscoa de 2022, após uma manifestação promovida pelo líder do partido político de extrema-direita dinamarquês Hard Line, Rasmus Paludan. Devido à situação migratória no país, o senhor acha que essa revolta de ambos os lados já é esperada? Qual sua opinião sobre porque a Suécia lidou tao mal com a situação migratória em alguns casos, o que pode ter contribuído para o crescimento de extremistas de direita?**

**Tom Moring:** Há duas questões aqui. A primeira refere-se ao Sr. Paludan e seus esforços ativos para jogar lenha na fogueira, provocando conflito. Ele era dinamarquês e ainda é, mas como seu pai é sueco, ele também tem cidadania sueca. É preciso dizer que o fato de ele ser sueco é uma jogada política. Seu comportamento provocativo foi impedido pela polícia e pelo controle de fronteira na Alemanha, Bélgica e França. Na Suécia, campanhas como a queima do Alcorão foram permitidas sob o princípio da liberdade de expressão. Após algumas reconsiderações, devido a eventos recentes sobre os quais vocês certamente leram, algumas campanhas em andamento foram interrompidas pelas autoridades suecas. Não tenho respeito por esse tipo de provocação, e sou crítico à publicação das charges de Maomé pelo jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, na Dinamarca, em 2005.

Esse tipo de ação, por parte de pessoas ou instituições em situação privilegiada, é desrespeitosa em relação a muitas pessoas em posição menos poderosa e frequentemente dependente. Com base nisso, acho que deveria se enquadrar nos princípios do discurso de ódio e “incitação contra grupos étnicos e outros grupos”, como formula a lei sueca. Até agora, a lei não foi lida dessa forma, mas isso pode mudar. Pelo menos, com base nos direitos gerais das autoridades de manter a ordem, as atividades provocativas parecem ter parado.

Dito isso, a parte mais difícil, a questão número dois, permanece: como as políticas migratórias na Suécia contribuíram para a situação? É pertinente dizer que já antes do aumento da migração, em 2015, a situação na Suécia não era a ideal. Os migrantes eram apoiados economicamente, mas seu isolamento nos subúrbios e a falta de políticas inclusivas levaram ao surgimento de municípios e regiões onde se desenvolveu uma parte da comunidade migrante liderada por pessoas por meio de métodos criminosos. Esta situação se tornou desequilibrada é desfavorável para os migrantes a serem incluídos e para a sociedade. Um dos resultados é uma polarização parcial da sociedade, implicando também um movimento geral no campo político central muito numeroso, que é moderadamente de esquerda ou moderadamente conservador: os social-democratas e os moderados conservadores. Além disso, o país mudou seus objetivos políticos para uma abordagem mais restritiva da migração e um foco mais forte em medidas de policiamento e punição. Claro, isso também aumentou o apoio a um movimento populista semifascista como o Democratas Suecos.

Devemos, contudo, entender que há um problema de conflitos entre gangues, algumas delas tradicionalmente suecas nativas, o que é muito frustrante tanto para uma população recém-imigrada como para uma população tradicionalmente sueca que vive nos principais cenários de tudo isso. Uma observação é que os mais gravemente envolvidos na criminalidade muitas vezes não são os recém-chegados, mas os jovens da segunda geração, jovens que na maior parte dos casos nasceram na Suécia e deveriam ter tido a possibilidade de serem integrados. Entretanto, se seus pais viveram isolados e em condições frustrantes, não é de admirar que o tiro saia pela culatra. Nos atuais conflitos em torno das provocações de Paludan – como sabemos por meio da mídia – as populações suburbanas agiram contra a polícia e não contra Paludan. Houve tumultos anteriormente na Suécia, portanto, o fenômeno não deve surpreender as autoridades. Ele indica um conflito mais profundo do que o religioso e um sentimento de descontentamento contra a sociedade sueca, não contra o provocador.

**Enio Moraes Júnior: Como país colonizado, enfrentamos um problema sério no Brasil. Nossa história mostra que quase extinguímos as línguas indígenas minoritárias e tentamos apagar as influências africanas em nossa cultura. Embora seja complexo lidar com a diversidade, é indubitável que há um belo resultado em tudo isso. Qual seria a mensagem para os leitores que talvez não estejam acostumados a conviver com pessoas de outra origem?**

**Tom Moring:** Na minha opinião, a diferença é o principal motor da criatividade. Em um projeto anterior da União Europeia, Explorando a Dinâmica do

Multilinguismo (*também livreto, consulte ambos nas Referências*), há muitos exemplos da força positiva não apenas de aceitar a diferença, mas também de promover a diversidade em vários ambientes – incluindo efeitos positivos nos indivíduos que têm o privilégio de aprender várias línguas desde tenra idade. O projeto do MIME dá a principal contribuição para resolver precisamente o problema que esta pergunta aponta, de como combinar maior mobilidade – igual a maior diversidade – com maior inclusão. É possível e leva a bons resultados para todos quando bem manejado. Entretanto, os envolvidos no processo devem aceitar que não há uma solução rápida que se aplique igualmente a todas as situações. Portanto, as políticas devem ser sensíveis às condições locais, sociais e culturais dos locais onde elas são implementadas.

[ LILIANA TINOCO BÄCKERT ]

Jornalista brasileira com mestrado em Comunicação Intercultural pela Università della Svizzera italiana (USI, Suíça). Trabalha como consultora, pesquisadora, autora e desenvolvedora de projetos de migração. Vive na Suíça desde 2005. E-mail: liliana.tinocobaeckert@gmail.com

[ ENIO MORAES JÚNIOR ]

Jornalista e professor brasileiro, doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP, Brasil) e pesquisador-integrante do Alterjor, Grupo de Estudos de Jornalismo Popular e Alternativo da USP. Vive na Alemanha desde 2017. E-mail: eniomoraesj@gmail.com

## Referências

---

BERTHOUD; Anne-Claude. **The Dylan Project Booklet: Language Dynamics and Management of Diversity**. Lausanne: Dylan Project, 2011.

BERTHOUD; Anne-Claude; GRIN, François; LÜDI, Georges (ed.). **Exploring the Dynamics of Multilingualism**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

DI CESARI, Donatella. **Estrangeiros Residentes: uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

GRIN, François. **Mobility and Inclusion in Multilingual Europe: The MIME Vademecum**. Grandson: Artgraphic Cavin, 2018.

GRIN, François; MARÁCY, László; POKORN, Nike. (ed.). **Advances in Interdisciplinary Language Policy**. Amsterdam: John Benjamins, 2022.

HOFFMANN, Hilde; MAY, Yomb. **Fremdheitsdiskurs ist immer auch Machtdiskurs**. Institut für Medienwissenschaft. Bochum: Ruhr-Universität Bochum, p. 84-90, 2022.

CENTRE FOR SOCIAL SCIENCES OF HUNGARIAN. **Mobility and Inclusion in Multilingual Europe (MIME)**. Budapest: Academy of Sciences Centre of Excellence, 2018.

ROIG, Emilia. **Why We Metter: das ende der Unterdrückung**. Berlin: Aufbau, 2021.